

A LINGUAGEM E A ATIVIDADE

CRISTINA TAVARES DA COSTA ROCHA
MARÍLIA GOMES DE CARVALHO
(CEFET/PR)

(...) a força original e ainda hoje claramente de vanguarda de Bakhtin está em olhar a linguagem como atividade, como consciência prática, plenamente dimensionada no social; e em interrelacionar sistema e atividade (FARACO (1996:121).

ABSTRACT This essay makes considerations about a wider concept of language as activity and not as an artifact, although it may be in this way understood, when it is stated that anyone may appropriate language, utilize it, improve it, and little by little, modify it and, thus, adequate it to the different activities in the practices of sociocultural groups. This essay also mentions the statements of these many researchers, who rely upon the Activity Theory, inspired in Vygotsky, proposed by Y. Engeström, and summed up in the model of human activities representation. Further, the essay resorts to the Russian philosopher Mikhail M. Bakhtin (1895-1975), to whom is attributed the Theory of Dialogism, and, as a consequence, the understanding of this new conceptualization of language as not a mere human cultural artifact, but as activity in itself, as language is inherent to Being and because it is attribute and not product of Being. The formation of consciousness and learning comes about through the social relationships and constant interactions that occur everyday in activities developed in communities of practice, as studied by E.Wenger.

Key-words: language – activity – artifact – meanings.

INTRODUÇÃO

A linguagem é entendida pela sociedade em geral e mais particularmente pela maioria dos representantes das ciências e das academias, como um artefato cultural. Isto porque os seres humanos criaram sistemas de signos estruturados de forma a expressar os seus pensamentos e os seus sentimentos. Por isso, da linguagem se pode apropriar, utilizar, aperfeiçoar e, aos poucos, modificá-la e adequá-la às atividades diferenciadas nas práticas dos grupos socioculturais. No entanto, será a linguagem mesmo (ou tão somente) um artefato cultural?¹

Este ensaio tenta demonstrar que o entendimento da linguagem como artefato ou instrumento do qual o Ser se utiliza para desenvolver as suas atividades é um entendimento reducionista da linguagem, na medida em que privilegia apenas a estrutura da língua e não contempla a sua dinamicidade, a sua riqueza, a sua variedade e os seus

¹ Neste ensaio, as palavras: artefato, ferramenta e instrumento são usadas indistintamente.

diversos significados, expressos pelos Seres nos mais variados contextos socioculturais. Tais demonstrações são feitas a partir da Teoria da Atividade, proposta por Engeström, que sugere um modelo para representar as atividades humanas.

Considerações e reflexões são feitas sobre questionamentos que emergiram a partir do conhecimento do trabalho do filósofo russo M. Bakhtin, a quem é atribuída a Teoria do Dialogismo. Bakhtin tem uma abordagem holística da linguagem, onde ela é inerente e constitutiva do Ser e deve ser vista como atividade em si própria, já que é atributo e não produto deste Ser. Essa conceituação tem alcances abrangentes, na medida em que a linguagem deixa de ser vista como um mero artefato cultural humano.

Como é possível entender a linguagem tão somente na condição de mediadora das relações entre os seres humanos entre si e entre eles e o seu meio ambiente, enquanto artefato cultural, se ela é constitutiva do Ser? Como entendê-la como independente do Ser, se ela é inerente e atributo deste Ser? Esses são alguns questionamentos, entre outros, que foram surgindo ao se defrontarem as diferentes abordagens dos representantes da ciência. Abordagem reducionista, que vê a linguagem como artefato, e a abordagem holística, que a vê como atividade em si própria.

Na busca de soluções para estas indagações e ponderações que foram surgindo, emergiu a tentativa de se articular uma resposta possível para esses questionamentos. Essa resposta aponta para um conceito diferenciado de linguagem entendida como atividade, embora sem pretensão alguma de fechar o raciocínio para outras hipóteses alternativas prováveis. Explorar a linguagem sob a luz dessa conceituação passa a ser um desafio aos pensadores e estudiosos do conhecimento humano.

LINGUAGEM COMO ARTEFATO NA TEORIA DA ATIVIDADE

Segundo o Novo Dicionário Aurélio (1986), há vários conceitos de linguagem. O mais geral é o que define a linguagem como um sistema de sinais empregado pelo homem para exprimir e transmitir suas idéias e pensamentos; a expressão do pensamento por meio da palavra; qualquer meio de exprimir o que se sente ou se pensa. Há a linguagem dos sinais, a dos animais, a da mímica. Na área de processamento de dados, a linguagem de programação é projetada para interpretação e uso direto do computador, sem necessidade de processamento adicional ou tradução prévia, com a utilização de um sistema de codificação formado por combinações de dígitos binários. É uma linguagem em que se expressa um conjunto de ações de forma aceitável pelo computador. Há, ainda, entre as diversas linguagens, a simbólica, que é um tipo de programação onde os códigos simbólicos e mnemônicos são utilizados no lugar de códigos de máquina. Os programas escritos nesta linguagem vão exigir procedimentos de tradução antes de serem diretamente executáveis.

Dos estudos pertinentes ao campo da Interação Ser Humano-Computador (ISHC), que recorrem à Teoria da Atividade e da prática, há indicações explícitas de que a linguagem seria entendida como ferramenta, portanto, artefato.

WARTOFSKY (1979:201-205) entende assim, quando afirma que (...) “o uso da linguagem para comunicação (...) faz da própria linguagem um artefato, ou

'ferramenta'." Ou seja, para ele, a linguagem diz respeito a sistemas de signos independentes do Ser. Ele se referia ao uso mais genérico de determinados termos, como "ferramenta", que pode ser entendida como qualquer artefato criado com o objetivo de se (re)produzir com sucesso os meios da existência humana. Esse pesquisador enfatiza que "o *artefato* está para a evolução cultural assim como o *gene* está para a evolução biológica."²

BANNON e BODKER (1999) ressaltam que "ferramentas, meios de dividir o trabalho, normas e linguagem, todos podem ser vistos como artefatos para a atividade: eles são feitos pelos humanos e eles [vão] mediar as relações entre seres humanos ou entre pessoas e o material, ou o produto, em estágios diferentes." Um dos exemplos citados pelos dois pesquisadores: "... O carpinteiro usa um martelo para bater com força num prego, as enfermeiras usam linguagem e registros para coordenar suas ações direcionadas aos pacientes e a elas próprias, etc..." Os autores ainda comentam que uma das maiores contribuições de Vygotsky foi que ele também viu a linguagem e os sistemas de símbolos como ferramentas psicológicas para o desenvolvimento da condição humana.

NARDI (1996:7-16) diz que "... o que você faz está firme e inextricavelmente embutido na matriz social, da qual cada pessoa é uma parte orgânica. Essa matriz social é composta de pessoas e artefatos. Os artefatos podem ser ferramentas físicas ou sistemas de sinais como a linguagem humana...". Essa pesquisadora enfatiza o papel da linguagem como mediadora das ações humanas enquanto ferramentas, quando diz que "... a teoria da atividade propõe uma forte noção de *mediação* – toda a experiência humana é moldada pelas ferramentas e pelos sistemas de sinais que usamos." Ainda, NARDI (1999) afirma que "artefatos podem ser ferramentas físicas ou sistemas de sinais como a linguagem humana"; e ela reforça essa noção quando diz "... Artefatos, amplamente definidos, incluem instrumentos, sinais, linguagem, e máquinas, mediam a atividade e são criados pelas pessoas para controlar o comportamento delas próprias" (NARDI, 1996:69-102).

Vladimir P. ZINCHENKO (1996:302) informa que "... tanto na psicologia histórico-cultural, centrada nos trabalhos de Vygotsky, quanto na teoria da atividade, principalmente da geração de Leont'ev e Rubinshtein, os processos de funcionamento e desenvolvimento da mente são entendidos como envolvendo a disponibilidade de meios apropriados, tanto externos (objetos ou coisas), quanto internos (mentais, ideais). O ato de internalização, portanto, refere-se ao ato de transformar um meio externo de atividade em um modo interno de implementar a atividade. Na lógica da psicologia histórico-cultural, a mediação do desenvolvimento [da mente] refere-se a meios externos, como uma ferramenta de trabalho, um brinquedo de criança, um sinal (signo), uma palavra, um mito. Há ações referenciadas por ferramentas, ações simbólicas e discursos referidos por sinais, que também servem como mediadores do desenvolvimento. Isto implica em que um sinal (signo), uma palavra [linguagem], um símbolo, sendo inicialmente meios externos, tornam-se, portanto, ferramentas internas

² Essa e as demais traduções foram feitas de forma livre pela Autora, a partir do inglês, e pensadas exclusivamente para este ensaio, tentando não comprometer sua fidelidade ao texto original.

ou pessoais da pessoa. As ferramentas externas agem como mediadoras para as ações, mas o mesmo acontece com as ferramentas mentais, as quais chamaremos de mediadores virtuais. Entre os mediadores virtuais, universais, mencionam-se: sinais, palavra [linguagem], símbolo, e o mito.

BROWN e DUGUID (2000:140) dizem que a “linguagem (...) é um artefato social, e conforme as pessoas aprendem a adentrar nela, elas estão se inserindo, simultaneamente, em uma variedade de complexos sistemas sociais entrelaçados.”

Alguns autores da linha de pesquisa da Interação Ser Humano-Computador (ISHC) como, por exemplo, os anteriormente citados, entendem a linguagem como artefato talvez porque tenham como opção a Teoria da Atividade como um dos quadros teóricos para a realização de seus trabalhos. O modelo mais simplificado dessa teoria relaciona o sujeito que para atingir uma meta (objetivo) desenvolve atividades que são sempre mediadas por artefatos e signos culturais (veja mais informações sobre a Teoria da Atividade nas próximas páginas). Além disso, ainda há o fato de que pesquisadores da área de estudos da Inteligência Artificial (IA), para desenvolverem as linguagens de programação no campo computacional, buscam inspiração e utilizam os conceitos clássicos da lingüística e da semiótica, que privilegiam a estrutura da língua.

Adentrando em uma conceituação inspirada na interpretação das culturas dos povos, a partir, portanto, de uma perspectiva antropológica, GEERTZ (1978:63) concebe artefato de uma forma mais ampla, quando diz que “... nossas idéias, nossos valores, nossos atos, até mesmo nossas emoções são, como nosso próprio sistema nervoso, produtos culturais – na verdade, produtos manufaturados a partir de tendências, capacidades e disposições com as quais nascemos, e, não obstante, manufaturados (...) Não é diferente com os homens: eles também, até o último deles, são artefatos culturais.” Ele assim se posiciona defendendo a idéia de que não somente os homens criam e desenvolvem artefatos culturais, como também esses artefatos modificam continuamente os próprios homens. Geertz conceitua a cultura como uma teia de significados tecida pelo próprio homem, daí porque ele entende a Antropologia como uma ciência interpretativa na busca de significados. Portanto, entendidos como artefatos culturais, os homens são o que a sua cultura faz deles. A cultura, assim, é condição essencial para a existência humana, sendo “a principal base de sua especificidade, (...) [pois] sem os homens certamente não haveria cultura, mas, de forma semelhante e muito significativamente, sem cultura não haveria homens” (GEERTZ, 1978:58).

Para se ter uma idéia da extensão de como o homem é moldado pelos artefatos em seu meio ambiente, LANG (1997) analisa como o uso deles na vida diária em uma residência altera e adapta o comportamento dos seus moradores. Ele exemplifica, contando como a colocação de uma cômoda grande no quarto de um casal mudou as suas relações individuais e sociais, na medida em que ela, além de ser decorativa, era utilizada para colocar roupas sujas. Ao aposentar a antiga cesta destinada a esse fim, a responsabilidade da tarefa de ir à lavanderia passou a ser do marido, mensalmente, e não mais da esposa, semanalmente, como de hábito. Para essa esposa, a cômoda passou a representar “liberdade”, além do aspecto do valor estimativo, pois pertencia à sua irmã. Também, há o aspecto social, pois o casal não participava mais da “filosofia do dia na lavanderia”, quando a comunidade do prédio se reunia, cumprindo os horários

predeterminados para uso de cada apartamento. O autor finaliza argumentando que não somente os seres humanos são criadores de artefatos culturais, mas também eles são criaturas de seu meio ambiente.

Visando a reforçar a idéia da interrelação cada vez mais crescente entre o homem e os artefatos, recorre-se a BRUCE (2000), professor da Universidade de Illinois, USA, que publicou um ensaio na *Educational Foundation*, 10(4), 51-58, 1, no qual expõe seu argumento de que as tecnologias e as práticas e relações sociais são sistemas mutuamente constituídos. Isto por que, segundo ele, os artefatos tecnológicos estão enredados, imersos mesmo em nossas atividades, em uma relação simbiótica com a tecnologia, e em nossas conexões com as outras pessoas. Bruce dá um exemplo pessoal: certa tarde, ele precisava utilizar o computador em sua residência, o qual tinha capacidades limitadas de *input* (dados que lhe foram introduzidos) da fala. Embora visse que seu filho de 8 anos de idade estava usando o computador naquele momento, ele sabia que aquela era a hora do garoto praticar piano. Ele disse: “Stephen, venha, pratique [piano] agora”.

Porém, Bruce não percebeu que seu filho havia ligado a opção de “reconhecimento da fala”. Então, o computador reconheceu as palavras: “compress now” (comprima agora), quando ele disse: “Come, practice now.” (venha, pratique agora). E o computador iniciou a operação de comprimir todos os arquivos no disco rígido. Como esse não era um comando que pudesse ser interrompido, Bruce teve que desligar o computador da eletricidade, para conseguir pará-lo. Segundo Bruce, suas relações com seu filho, a conversa dos dois, as suas atividades e as suas conexões com o computador e respectivas ações são partes de práticas em rede, que não podem ser desentrelaçadas.

Ainda abordando os aspectos do uso de artefatos pelos homens, Engeström explana sobre a concepção de sua Teoria da Atividade sócio-cultural e histórica, originada na ex-URSS e desenvolvida pelos psicólogos russos Lev Vygotsky (1896-1934) e seus colegas Rubinstein, A.N.Leont’ev, A.R.Luria, e Davydov. Em síntese, essa teoria propõe que o agente humano (sujeito) desenvolve diversas e diferentes formas de atividades direcionadas a determinada meta motivadora dessas atividades (objeto). Para atingir tal intento, é necessário que haja uma relação de mediação cultural através de ferramentas e signos (artefatos) entre o agente humano na interação com os demais seres e com os objetos do seu meio ambiente. Assim, é o objetivo que determina a atividade.

Engeström tece considerações sobre as três gerações em se referindo à história da Teoria da Atividade. Centra-se a primeira sobre Vygotsky, o qual criou e cristalizou a idéia da mediação das ações humanas, mediação essa que se processa através de ferramentas e signos, ou seja, artefatos culturais. Ele enfatiza que essa idéia derruba as paredes cartesianas que isolam a mente individual da cultura e da sociedade, já que, diferentemente de Piaget que concebia os objetos como meros materiais que não interferem na formação do sujeito, estes sujeitos agora passam a ser entendidos quando imersos em seu meio cultural. A sociedade só é compreendida na configuração do agenciamento dos indivíduos que produzem e usam artefatos. Não há mais dicotomia entre sujeito (indivíduo cartesiano) e estrutura social. Portanto, os objetos se tornaram “entidades culturais e a ação orientada ao objeto se tornou a chave para o entendimento da psique humana” (ENGESTRÖM, 1999b). Assim, o modelo inicial simplificado,

proposto por Vygotsky, para representar as atividades humanas mediadas por artefatos, tinha uma perspectiva centrada no indivíduo (VYGOTSKY, 1991:45).

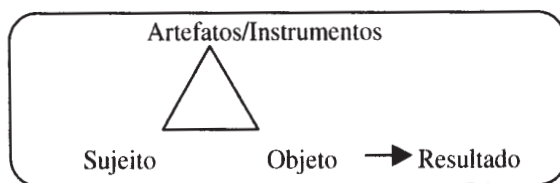


Figura I: Representação das Atividades Humanas Mediadas por Artefatos

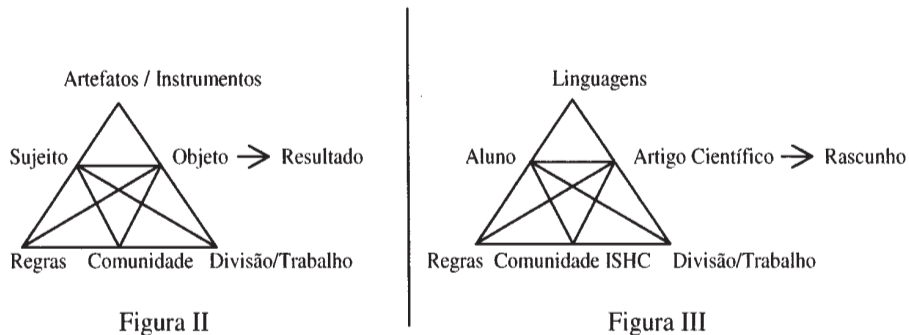
Com o passar do tempo, houve a necessidade deste modelo extrapolar a ambientação da individualidade. A representação passou a ser da sociedade, ou seja, dos indivíduos que desempenham diversas atividades em comunidades. A mediação cultural através dos artefatos passa a ser entre o agente humano (sujeito) na interação com os demais, dentro das comunidades, além da mediação já existente com os objetos e o meio ambiente. Essa relação se processa no desenrolar das atividades, através de regras e de divisão do trabalho. A unidade de análise da Teoria da Atividade é a própria atividade. Porém, como a atividade é socialmente compartilhada Leont'ev, discípulo de Vygotsky, amplia essa conceituação, afirmando que a unidade de análise no estudo da atividade humana mediada, é um sistema de atividade, comunidade de atores que tem um objeto comum de atividade. Nesse modelo, a mediação social é caracterizada pela divisão de trabalho e regras mediadoras da interação entre os indivíduos no sistema de atividade” (MIETTINEN, 1999:3).

Ainda segundo ENGeström (1999a), essa fase vai caracterizar a segunda geração da Teoria da Atividade, cujos estudos abrangem a coletividade, a comunidade, e não mais o indivíduo isoladamente, fator principal de limitação da primeira geração. Um dos principais representantes dessa fase é Leont'ev, de quem o exemplo mais famoso (ENGeström, 1999a; KUUTI, 1996:28) que caracteriza essa mudança de unidade de análise do individual para o coletivo é o da “caçada coletiva primitiva”, na qual se evidencia como historicamente a evolução da divisão do trabalho tem trazido uma diferença crucial entre uma ação individual e uma atividade coletiva. Por esse exemplo, percebe-se que aparentemente uma ação individual pode parecer sem sentido. Por exemplo, visto isoladamente, a ação de um grupo espantar a caça, fazendo estardalhaço com os arbustos, pode parecer irracional. No entanto, no contexto sistêmico das atividades da caça, essa ação individual faz perfeito sentido, já que a caça é espantada em direção a um segundo grupo, que tem como objetivo agarrá-la. Assim, para Leont'ev, a ação é sempre individual, e a atividade é sempre coletiva.³

A seguir, encontra-se a representação do modelo sob essa nova perspectiva (Figura II) e, ao seu lado direito, um exemplo que se refere ao tema deste ensaio, que mostra o mesmo modelo aplicado à conceituação de linguagem como artefato na Teoria da

³ ENGeström (1999a) cita o exemplo de Leont'ev, informando sobre sua fonte: LEONT'EV, A. N. (1981) *Problems of the development of the mind*. Moscou: Progress, p. 210-213.

Atividade, no contexto acadêmico e, mais especificamente, na comunidade ISHC (Figura III). Fazendo um paralelo entre essas duas figuras, identifica-se a linguagem como artefato/instrumento, que faz a mediação das atividades desenvolvidas pelo aluno (sujeito), na comunidade específica do campo de estudos da ISHC; a meta do aluno é redigir um artigo científico (objeto) e o resultado de tais atividades é o rascunho. Para atingir o resultado, não somente o aluno, mas também os demais envolvidos nesse processo têm que se submeter a regras e convenções que regem inclusive a divisão do trabalho dessa comunidade.



Figuras II e III: a primeira figura representa o modelo das atividades humanas, proposto por Engeström. A segunda figura representa a linguagem como artefato, utilizando o mesmo modelo.

Na medida em que essa teoria foi se internacionalizando, atingindo principalmente o Ocidente, novas perspectivas desafiadoras foram emergindo, como questões referentes a diversidade e diálogo entre diferentes tradições. É nesse novo panorama que se situa a terceira geração da Teoria da Atividade que tem, entre os seus principais representantes, Luria e Michael Cole e, entre os seus vários desafios, o de desenvolver ferramentas conceituais para compreender o diálogo, como uma busca discursiva para significados compartilhados nas atividades orientadas aos objetos; o de desenvolver perspectivas e vozes múltiplas, além de redes de trabalho de interação de sistemas de atividade (ENGESTRÖM, 1999a).

Um dos primeiros propositores a abordar as questões multiculturais de pesquisa da Teoria da Atividade foi Luria em meados da década de 1970. Essa iniciativa, embora isolada na época, foi retomada por Cole, na década de 1980 e desde então delineiam-se com mais intensidade os seus desafios na atualidade, com a interação contínua de diversos sistemas de atividade da sociedade conectada por redes de trabalho. Assim, há a necessidade de se focar e estudar sistemas de atividade interagindo, i.e., de se trabalhar com a idéia da interação de redes de trabalho de atividades (ENGESTRÖM, 1999a).

Hoje em dia, um possível entendimento da Teoria da Atividade na análise de sistemas de redes de trabalho interconectados, identificaria necessariamente questões multiculturais, e contemplaria uma interrelação entre diversos atores que desempenham atividades relevantes na formação e sustentação de redes de trabalho de usuários que

utilizam um sistema. Mister se ressaltar, contudo, que a realidade de sistemas de redes deve ser relativizada, na medida em que representa um recorte da realidade, caracterizado pela sociedade conectada em redes de computação, com implicações de conseqüentes interatividades multiculturais, negociação de significados, etc.. O sistema em redes não se aplica, portanto, às ainda existentes comunidades que vivem afastadas dos grandes centros urbanos e, portanto, mais isoladas do contexto globalizado.

Revendando as pesquisas e os estudos desenvolvidos na década de 1990, da perspectiva da atualidade, ENGESTRÖM (1990a) sugere uma tendência de nova mudança de geração (estaria se delineando o embrião da 4.^a geração da Teoria da Atividade para identificar esta década de 1990?), caracterizada pelo que ele chamou de “virada dialógica” na Teoria da Atividade, inspirada pelo trabalho do filósofo russo M.Bakhtin, através da Teoria do Dialogismo, que lhe é atribuída, e das suas idéias sociais sobre a linguagem.

Na Teoria da Atividade, a atividade é entendida como o terceiro nível da atuação humana. O primeiro nível seria caracterizado pelas operações (inconscientes) e o segundo, pelas ações (conscientes e dirigidas a cumprimento de metas). A atividade se refere ao “porquê” uma ação é realizada. Enquanto os dois primeiros níveis dizem respeito a atuações individuais, o terceiro considera o coletivo, “as tradições culturalmente estabelecidas, as regras e significados operando nas situações.” Nesse contexto, já que a relação do sujeito com a comunidade é mediada por regras, uma conceituação mais abrangente faz-se mister, compreendendo “linguagem, rituais, (...) [i.e.] regras, normas, etc.” (MOGENSEN, 1992:6).

ENGESTRÖM (1999:398-400) reforça o seu entendimento de linguagem como artefato, i.e., ferramentas internas e externas, sinais, linguagem, instrumentos, ou máquinas, quando analisa os ciclos de criação do conhecimento através da prática de equipes de trabalho que resulta em aprendizado inovativo. No subitem “o papel dos artefatos”, ele discorre sobre “o quê”, “o como”, “o por quê”, e “o onde”, referente às atividades práticas dessas equipes de trabalho, o qual é sempre mediado pelos artefatos. Nessa análise, ele inclui desde a fala, os gestos, o discurso, os conceitos teóricos, até mesmo a “força da análise de campo” e o quadro-negro usado em sala de aula.

Via de regra, a conceituação da linguagem como artefato cultural evidencia uma abordagem restrita, no sentido de que privilegia a estrutura da língua e não a sua práxis no dia-a-dia, i.e., coloca toda a ênfase nos próprios sinais e em sua estrutura cognitiva, que se identifica como uma abordagem semiótica peirciana⁴. Ou ainda, enfatiza tão somente os sistemas de signos, caracterizados como uma abordagem semiótica

⁴ Charles Sanders Peirce (1839-1914) é considerado como o mais importante entre os fundadores da semiótica moderna. Para ele, o signo é um instrumento e um meio, e se constitui em “um esboço da idéia de semiose como mediação.” (NÖTH, 2000:36). Um signo para ser compreendido precisa de outro signo, que requer outro e assim sucessivamente, em uma cadeia infinita de semiose ilimitada. Ele propõe o modelo tríade de semiose, i.e., signo+coisa significada+cognição produzida na mente.”(opus cit.:65). O signo, para Peirce, tem caráter universal e “as cognições, as idéias e até o homem, são essencialmente entidades semióticas.” (op.cit.:61).

saussureana⁵. Segundo FARACO e MERKLE (2000), esta tendência também é notada no seio do próprio campo de estudo da linguagem, a Lingüística e a Semiótica. Essa herança das áreas da Lingüística e da Semiótica é expressa e manifestada na área da tecnologia da informação e da computação, enfatizando, assim, “o imperialismo das linguagens de programação, pontuadamente na década de 1970, devido a uma prevalência da estrutura (máquina) e uma ausência de uma consideração crítica do uso do artefato [no contexto da prática do usuário final].”

BROWN e DUGUID (2000:255) enfatizam que “é valioso lembrar-se que a teoria formal da informação, enquanto assegura o *bit* como uma preocupação central, é indiferente ao significado”; reforçam essa colocação ao mencionarem os trabalhos de Claude Shannon e Warren Weaver, reconhecidos por estabelecerem as bases da moderna teoria da informação, os quais dizem o seguinte: “os aspectos semânticos da comunicação são irrelevantes para os aspectos da engenharia.”

Nos contextos anteriormente mencionados, com essa conceituação enfatizando a estrutura da língua e os seus sinais, a linguagem só pode mesmo ser concebida como artefato. Nesse caso, ela é entendida como uma forma de organização das atividades humanas, porém sempre sob o ponto de vista reducionista. Como exemplo, a linguagem, enquanto artefato, pode ser classificada em gêneros primários, caracterizados pelas conversas diárias; e secundários, quando a fala diária é organizada formalmente em discursos, romances, contos, etc. Além disso, no campo de ISHC, há tentativas de se organizar os gêneros em: chats, e-mails, lista de discussões, hipertexto, homepage (MACHADO, 1999). Portanto, são os gêneros que permitem a estabilidade e que organizam as atividades, permitindo o entendimento entre as pessoas. Isto porque os gêneros são “formas retóricas dinâmicas que se desenvolvem a partir de respostas e situações recorrentes e servem para estabilizar a experiência e dar-lhe coerência e significado, mudando com o tempo em decorrência das necessidades sócio-cognitivas de seus usuários” (FARACO, 2000). Os gêneros se mesclam continuamente instante a instante nas atividades da vida diária das pessoas, pelo fato de serem seres pluripertencentes a diversas comunidades. Mesmo com esse esforço de organização e classificação, há um constante “devir” da linguagem enquanto artefato nas categorias de gênero, através de usos e interpretações subseqüentes à sua criação.

Então, se há essas indicações explícitas de que a linguagem é artefato, conforme demonstrado nos parágrafos anteriores, com o posicionamento de diversos pesquisadores, ainda assim poder-se-ia entendê-la como não sendo artefato? Se a linguagem natural não é realmente um código e se ela não é naturalmente codificada, então ela não pode ser artefato. Mas, se ela não é artefato, o que é, então? Se a língua é infinita, na medida em que está em constante mutação por causa das atividades desenvolvidas nos muitos contextos da vida, como codificar o infinito? Nesse caso, os contextos são de fundamental importância para a negociação dos significados

⁵ Ferdinand de Saussure (1857-1913), fundador da lingüística moderna, propõe um modelo racionalista de signo diádico, i.e., que compreende duas idéias: a idéia do objeto representado (significado) e a do que ele representa (significante). Recorre-se à metáfora que correlaciona palavra e idéia de forma indissociável, que é a imagem do verso (significante) e do averso (significado ou idéia) da folha de papel. Não há como separá-los sem se perder o conjunto. (NÖTH, 2000).

envolvidos na linguagem. Se assim é, que elementos desses contextos e que ramificações de significados seriam usados para a codificação da língua? Como entender a linguagem tão somente na condição de mediadora das relações entre os seres e estes e o seu meio, enquanto artefato cultural, se ela não é independente, mas sim, constitutiva, inerente e atributo deste Ser? Ainda, como unir linguagem e os demais artefatos, como os conceitos teóricos e até mesmo o quadro-negro (ENGESTRÖM, 1999) em uma só conceituação, se a linguagem é atributo do Ser e os artefatos são produtos desse Ser? Dessas indagações e ponderações emerge a tentativa de se articular uma resposta possível para tais questionamentos – embora sem pretensão alguma de fechar o raciocínio para outras hipóteses alternativas prováveis – que são expostas a seguir.

LINGUAGEM COMO ATIVIDADE

Assim, a trilha do raciocínio que está sendo desenvolvido nesse ensaio seguiu uma pista encontrada no livro *Diálogos com Bakhtin*, que inspirou a epígrafe deste ensaio e que novamente é transcrita: “(...) a força original e ainda hoje claramente de vanguarda de Bakhtin está em olhar a linguagem como **atividade**, como consciência prática, plenamente dimensionada no social (...)” (FARACO, 1996:121)⁶. Entendida a linguagem como atividade, e não como artefato cultural, muda-se completamente o olhar sobre todas as atividades desenvolvidas pelos homens em comunidades. Nessa mudança de perspectiva conceitual de linguagem parece estar a chave para adentrar um conhecimento mais amplo. É o que se tentará demonstrar a seguir.

Na busca da etimologia da palavra *artefato* (originada do latim *arte + factu*), entende-se que se trata de qualquer objeto produzido pelas artes mecânicas. Trata-se de objetos estanques, prontos, imutáveis. Por outro lado, na palavra *atividade*, há a riqueza da dinamicidade, ou seja, essa palavra provém do latim *activitate(m)* para se referir à qualidade do que é activo; também, solicitude; presteza; vivacidade; energia. A gênese da palavra ativo é do latim *activu(m)* = que é suscetível de obrar; solícito; diligente; que produz efeito rápido; que ainda está em exercício; que denota ação (FONTINHA, s.d.).

O propositor dessa nova conceituação de linguagem, o escritor russo Mikhail M. Bakhtin, entende que as relações homem/homem e homem/meio só são possíveis através da linguagem, atributo do Ser e função de sua consciência, “a ponte por onde transitam significações”. Assim, a linguagem é a base do pensamento bakhtiniano e se revela através do método dialético, constituído de vários “eus” em suas interrelações sociais, onde cada ser é uma semiosfera em sua singularidade sócio-histórica (FREITAS, 1996:173). A consciência individual forma-se e desenvolve-se a partir da “palavra flexível, veiculável pelo corpo (...), elemento essencial que acompanha toda a criação ideológica (...), como material semiótico da vida interior (discurso interior) (BAKHTIN, 1995:37).

⁶ Ênfase acrescentada.

Bakhtin propõe um conceito de linguagem implicado diretamente com “uma visão de mundo que, justamente na busca das formas de construção e instauração do sentido, resvala pela abordagem lingüístico/discursiva, pela teoria da literatura, pela filosofia, pela teologia, por uma semiótica da cultura, por um conjunto de dimensões entretecidas e ainda não inteiramente decifradas” (BRAIT, 1996:71). É assim que se percebe a palavra perpassando todas as atividades humanas, recheada de ideologias e significações. Inclusive, na tentativa de se compreender essa gama de ideologias (rituais, um livro, um CD-ROM, etc.) há que se recorrer ao discurso interior, com a participação das “n” vozes que aí se manifestam.

Assim, é evidente que esse conceito de linguagem enquanto atividade, proposto por Bakhtin, ganha dimensões mais abrangentes, até então para a linguagem, que tem se encontrado prisioneira dos modos de pensar reducionistas, portanto dicotomizados. A partir dos escritos e das conceituações do filósofo russo, introduz-se um outro conceito, que é o de dialogismo, que permeia, como *fator unificador* todas as *atividades languageiras*. O dialogismo também acontece *entre os gêneros cotidianos do discurso* [primários, por ex. a fala] e *os gêneros elaborados* [secundários, por ex. um livro] (FARACO, 1996:122). Como afirma Brait:

... um dos eixos do pensamento bakhtiniano está justamente na busca das formas e dos graus de representação da heterogeneidade constitutiva da linguagem (...) a preocupação com dimensão histórico-ideológica e a conseqüente constituição sógnica das ideologias; a insistência na discussão de uma natureza interdiscursiva, social e interativa da palavra; a tentativa de oferecer elementos para uma reflexão sobre os gêneros discursivos; a interdiscursividade como condição de linguagem (...) o conceito de enunciação enquanto interação. [Assim], a linguagem não é falada no vazio, mas numa situação histórica e social concreta no momento e no lugar da atualização do enunciado (BRAIT, 1996:72-77).

Bakhtin, como elemento vanguardista e renovador do cenário descrito anteriormente, vai ocupando o espaço que lhe é de direito e de fato, ao conceber a linguagem como atividade dinâmica na dimensão sócio-cultural, que resulta, inclusive, na criação e sofisticação da consciência, através da compreensão e negociação dos significados, seleção e compartilhamento dos processos semióticos, ou seja, com o eterno “surgimento e morte do significado que, como um fenômeno, compartilha com aquele outro fenômeno que o [produz pela] ventriloquia, o homem” (HOLQUIST, 1985:XVIII).

Portanto, a sua conceituação de linguagem jamais está limitada ao estudo dos sinais como entidades abstratas, como é comum acontecer na área de investigação da Lingüística. Para ele, a “realidade da língua é a interação sócioverbal [e] a linguagem verbal não é vista como um sistema formal, auto-encapsulado, mas como práticas sócio-interacionais.” Somos, assim, “seres pluri-ativos, i.e., envolvidos em diversos e diferentes tipos de atividade; “pluricronotópicos”: diferenciados em termos de tempo (crono) e espaço (topo) nas diversas atividades; e “pluri-axiológicos”: envoltos em sistemas múltiplos de valores. Para Bakhtin, “estar vivo é agir” (FARACO e MERKLE, 2000). As ações ocorrem nas atividades diárias. A dinamicidade resulta também de contradições que emergem dentro do próprio sistema e se torna condição *sine-qua-non* para modificações nesse sistema.

Bakhtin afirma no “Discourse in the Novel”:

A qualquer momento dado ... a linguagem é estratificada não somente em dialetos no sentido estrito da palavra (i.e., dialetos que são realçados, de acordo com anotadores da lingüística formal [especialmente fonética]), mas é ... estratificada (...) em linguagens que são sócio-ideológicas: linguagens pertencentes a profissões, a gêneros, a linguagens peculiares a gerações particulares, etc. Esta estratificação e [esta] diversidade do discurso (*raznorecivost*) vão se espriar mais amplamente e penetrar até mesmo nos níveis mais profundos uma vez que a linguagem está viva e ainda em um processo de vir-a-ser (BAKHTIN, citado por HOLQUIST, 1985:XIX).

O holopoema, ou poema holográfico, cujo conceito vem da junção de dois gêneros – a arte da linguagem e a da poesia visual - que exploram a fusão da palavra e da imagem, trabalho do artista plástico Eduardo KAC (2000), talvez possa dar uma idéia dessa abrangência da linguagem, pois, para ele, a “linguagem desempenha um papel fundamental na constituição de nossa experiência no mundo. Questionar a estrutura da linguagem é investigar como as realidades são construídas.” Os hologramas criados por Kac definem uma experiência lingüística que ocorre fora da sintaxe e conceitua a instabilidade como um agente-chave significativo. O holopoema implica em uma organização rítmica e temporal dos textos e tem um papel importante na criação da tensão entre a linguagem visual e as imagens verbais, pois o tempo, no holopoema, não é linear e flui em todas as direções para tentar estabelecer associações entre palavras presentes no campo efêmero de percepção provocado pela dinâmica do processo (KAC, 2000).

Entende-se, pois, que, nessa conceituação mais ampla, a linguagem, constitutiva do Ser, inerente e atributo deste, seria a própria atividade. Recorrendo à Teoria da Atividade, a linguagem, enquanto atividade, estaria em precisa oposição a instrumentos e artefatos, se utilizarmos a representação simbólica do triângulo das atividades humanas.

Nesse cenário, figura a linguagem, não mais como tão somente meros sistemas formais de sinais e códigos pré-estabelecidos, mas como atividades desenvolvidas nas atuações coletivas, sociais, absolutamente embebida de significações, representando uma variedade imensa de semiosferas individuais a se tangenciarem, a se mesclarem, ou ainda a se conflitarem, resultando, finalmente, numa rica teia de relações ativas e responsivas sócio-historicamente construídas.

Assim, a linguagem enquanto atividade perpassaria toda a estrutura triangular do modelo teórico anteriormente mencionado, e não estaria localizada tão somente no ápice do triângulo na condição de ferramenta e/ou instrumento e signos mediadores das relações homens/homens e homens/meio. Isto se daria principalmente se considerarmos tais triângulos multiplicados e interligados pelas redes de comunicação e de trabalho de atividades múltiplas da Sociedade em Rede em plena Era da Informação. Portanto, entende-se que, para desenvolver toda e qualquer atividade, os seres humanos encontram-se reféns da linguagem, que estaria perpassando de ponta-a-ponta as triangulações da representação das atividades humanas. E essas diversas atividades são executadas em comunidades reunidas informalmente ou não, em torno de práticas e experiências compartilhadas objetivando atingir uma meta comum, através de

participação e envolvimento mútuos, o que vai implicar sempre em negociação de significados dos repertórios utilizados para a comunicação.

A seguir, são tecidas algumas considerações sobre essas atividades, como linguagem, desenvolvidas nas comunidades de prática.

A ATIVIDADE COMO LINGUAGEM NAS COMUNIDADES DE PRÁTICA

Os diversos sistemas de atividade, interconectados em suas complexidades, ocorrem nas práticas diárias das pessoas que vivem em comunidade. O desenvolvimento dessas atividades acaba gerando uma diversidade de relações de práticas identificadas por WENGER (1998), obtidas através da contínua negociação de significados. Essas práticas ocorrem através da participação nas atividades diárias dessas comunidades. Essa maior ou menor participação confere identidades às pessoas. E geram encontros não apenas “fronteiriços” (exemplos: reuniões, conversas, visitas; ainda, novas disciplinas científicas geralmente nascem da interação das disciplinas ortodoxas já estabelecidas: sociolinguística, bioquímica, neuropsicoimunologia); mas também de “sobreposição” de práticas (por exemplo, as comunidades do setor de saúde geram profissionais que conseguem atender um espectro maior de situações de enfermidade: enfermeiros, médicos, fisioterapeutas, os quais acabam todos sendo conhecidos genericamente como “agentes de saúde”, já que se torna difícil delimitar exatamente onde começam e onde terminam as atuações de atendimento de cada um deles); e ainda, a abertura para uma prática “periférica”, que propicia uma situação que posiciona qualquer “forasteiro” à possibilidade de participação em uma comunidade de prática estabelecida, embora, simultaneamente, os veteranos o mantenham impossibilitado de se mover mais para o interior dessa prática (WENGER, 1998).

Para WENGER (1998) caracteriza-se uma comunidade de prática pela ocorrência de práticas em 3 dimensões: 1) empreendimento conjunto; 2) envolvimento mútuo; e 3) repertório compartilhado pelos seus membros sobre o modo de realizar as atividades; os recursos são comuns (rotinas, sensibilidade, artefatos, vocabulário, estilos). As comunidades de prática caracterizam contextos sócio-históricos em que ocorre o aprendizado social, através da negociação de significados; da participação e da reificação.⁷ É a prática que define a comunidade e a comunidade vai sendo moldada e modificada pela prática; e estas vão se diferenciando a cada momento histórico. O mundo formata as nossas experiências e, simultaneamente, as nossas experiências formatam o mundo. Há um interrelacionamento mútuo de ação. Em suma, uma comunidade de prática é diferente de uma comunidade de interesse ou uma comunidade geográfica, nenhuma das quais implica uma prática compartilhada (WENGER, 2000).

BROWN e DUGUID (2000:8-16) afirmam que, embora sejam “infoentusiastas”, eles focam as suas preocupações de trabalho e pesquisa na sociedade, na prática, e nas

⁷ O conceito de reificação refere-se ao processo de dar forma às nossas experiências pela produção de objetos que congelam essa experiência em “coisas”. Etimologicamente, o termo reificação significa “fazer algo tornar-se uma coisa.” (WENGER, 1998:58).

instituições. E reforçam que assim o fazem porque “sabem que enquanto a informação e as suas tecnologias não podem resolver todos os problemas da sociedade, a sociedade e os seus recursos sociais podem resolver muitos dos problemas tanto da informação quanto da tecnologia.” Ainda, que a “informação refletida em bits chega até nós, por exemplo, como histórias, documentos, diagramas, figuras, ou narrativas, como conhecimento e significado, e em comunidades, organizações, e instituições.” Parece não haver dúvidas de que a palavra está permeando todas as atividades citadas.

Para que haja envolvimento em qualquer das comunidades de prática anteriormente mencionadas, é mister que a própria atividade seja concebida como linguagem, que requer primordialmente a palavra para comunicação.

A PALAVRA ENTRE AS ATIVIDADES DA LINGUAGEM

Para Bakhtin, “o ponto de partida (...) é a estipulação de um vínculo orgânico entre a utilização da língua e a atividade humana (...) [onde] todas as esferas da atividade humana estão sempre relacionadas com a utilização da língua (...) [e] falar não é, portanto, apenas atualizar um código gramatical num vazio, mas moldar o nosso dizer às formas de um gênero no interior de uma atividade” (FARACO e MERKLE, 2000:4).

Para se ter uma idéia da importância da palavra falada, escrita e também pensada, convida-se, para estar presente neste ensaio, um representante da cultura grega do Século VII a VI A.C., Esopo. Era gago, corcunda, mas inteligente e dominava o idioma com maestria. Por causa destas características que superavam em muito os seus defeitos físicos, Xanto, seu amo, deu-lhe como obrigação preparar para convivas, um banquete noturno que tivesse as melhores iguarias. Ele serviu língua. Não esperou ser perguntado pela segunda vez para explicar o porque de sua escolha e dissertar extensivamente sobre as propriedades da língua como iguaria inigualável: a língua é “o vínculo da vida civil, chave das ciências, veículo da oração e da instrução ...”. No dia seguinte, como a testar a sua loquacidade, seu senhor ordenou-lhe que preparasse as piores iguarias. Novamente ele ofereceu língua. E deliciou-se ao ver a surpresa estampada no rosto dos convidados, ao novamente dissertar, dessa vez, sobre a destruição que a língua, no sentido da palavra, é capaz de provocar: “mãe de todas as questões, origem das divisões e das guerras, órgão do erro, da calúnia, da maledicência, da blasfêmia, da intriga e da impiedade”.

Ao resgatar essa história da antiga Grécia, a intenção foi a de enfatizar o importante papel da linguagem que nos permite pensar, falar, escrever, desenhar, pintar, fazer gráficos, elaborar símbolos matemáticos, etc... Interessante perceber o infindar de atividades entendidas como linguagem em que estamos imersos. Mesmo para construir o linguajar formal matemático, com o seu sistema de símbolos específicos representativos das diversas equações, necessita-se da língua pensada, falada e escrita. Assim, enfatiza-se que a palavra só deixa de ser neutra quando pode preencher funções ideológicas quaisquer (BAKHTIN, 1995). Mister perceber, ainda, a imensa teia de interações sociais na qual nos relacionamos. Assim, muito mais do que seres biológicos, genéticos, metafísicos ou conscienciais, somos seres simbólicos, interativos, pluriativos. Bakhtin

tece considerações sobre a palavra, que, para ele, “é o fenômeno ideológico por excelência”, sendo, portanto, “o modo mais puro e sensível de relação social (...) e o primeiro meio da consciência individual”. Como diz Bakhtin:

(...) a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o *indicador* mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais (BAKHTIN, 1995:41)

Como a palavra não requer qualquer espécie de instrumento externo ao Ser para ser expressada, ela é inerente e constituinte do Ser; é o “material flexível veiculável pelo corpo”. Através da palavra e da cadeia ideológica de suas representações sígnicas específicas de cada agrupamento e das relações sócio-interativas é que a consciência individual vai sendo criada e transformada e, portanto, absolutamente impregnada de símbolos e significações. Assim, a consciência, para Bakhtin, seria conceitualmente errada se estudada pelas abordagens mecanicista-fisiologista ou metafísica. Para ele, “a única definição objetiva possível da consciência é de ordem sociológica” (BAKHTIN, 1995:35-36).

Numa síntese, para Bakhtin:

A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação. Todas as propriedades da palavra (...) – sua pureza semiótica, sua neutralidade ideológica, sua implicação na comunicação humana ordinária, sua possibilidade de interiorização e, finalmente, sua presença obrigatória, como fenômeno acompanhante, em todo ato consciente – todas essas propriedades fazem dela o objeto fundamental do estudo das ideologias (BAKHTIN, 1995:38).

Mesmo quando se detectam as limitações da palavra na medida em que ela não dá conta de expressar com fidelidade um sentimento ou qualquer outro signo não verbal, como um som, um quadro estático ou uma imagem em movimento, também nenhum desses signos pode substituir inteiramente a palavra. Cada signo não verbal “se apóia nas palavras e é acompanhado por elas” (BAKHTIN, 1995).

REDUCCIONISMO X HOLISMO NA LINGUAGEM

Será que a linguagem poderia ter as duas funções: as de artefato e as de atividade?

Entende-se que mesmo a linguagem empregada pela área das ciências exatas, no processamento de dados mais especificamente, não está vazia de aspectos ideológicos, não são meros sinais, mas sim signos de linguagem (BAKHTIN, 1995).

Se a observarmos a partir da perspectiva reducionista apenas, ela estaria bem definida como simplesmente artefato cultural produzido e utilizado pelo Ser humano. Tal apropriação do termo está bem evidenciada pelos diversos autores, geralmente oriundos das ciências exatas, que a vêem tão somente como um sistema de codificação, formado por combinações de dígitos binários. Segundo o Novo Dicionário Aurélio (1986), é “linguagem de programação projetada para interpretação e uso direto do computador, sem necessidade de processamento adicional ou tradução prévia.” Exemplos desse tipo de linguagem: Fortran, Basic, Cobol, Pascal. Ou, até mesmo, por autores outros emergentes das ciências humanas, como os citados anteriormente, que a entendem como um sistema de sinais que exprimem e transmitem o pensamento e os atos dos Seres.

No entanto, uma vez introjetada a perspectiva holística da linguagem, não há mais como reduzi-la novamente a mero artefato e/ou instrumento. Seria empobrecer essa surpreendente e rica nova conceituação da linguagem. Os próprios autores das ciências exatas, ao exporem as suas idéias, conceitos, pesquisas, projetos, papers, etc., estão imersos em atividades, sendo a linguagem a grande integradora de todas as demais atividades. Um texto, um livro, ou mesmo um CD-ROM, quando acabado, precisou de uma série de atividades prévias até chegar nesse ponto. E até mesmo após atingir a fase final (portanto, nesse exato momento, sim, é um artefato cultural organizado e classificado em gênero), há um devir constante na medida em que as (re)leituras e as (re)audições sempre implicam em (re)criações pelos leitores e ouvintes situados em diferentes momentos históricos. Portanto, não há mais como vê-la de outra forma. Não há mais como voltar à conceituação reducionista anterior.

CONCLUSÃO

Procurou-se mapear da linguagem entendida como meros artefatos e/ou instrumentos culturais, que serviria como mediadora entre o Ser e os demais seres, e do Ser e o seu meio ambiente. Em seguida, houve a introdução de uma nova conceituação mais abrangente, proposta pelo filósofo russo M. Bakhtin, que entende a linguagem não como ferramenta, ou artefato, ou instrumento a serviço do homem, mas sim como uma atividade em si própria, inerente ao e constitutiva do Ser.

Para desenvolver esse raciocínio, que muda a perspectiva do entendimento reducionista para holístico de linguagem, recorreu-se à Teoria da Atividade, utilizando-se o modelo das atividades humanas, proposto por Vygotsky e aprimorado por Engeström.

O desenvolvimento desse raciocínio desemboca nas comunidades de prática. Isto porque os sistemas de atividades são desenvolvidos em comunidades, cujos membros têm graus variados de participação (que lhes dá a identidade respectiva), têm envolvimento mútuo visando a um objetivo comum, um empreendimento conjunto, compartilham repertórios pertinentes às práticas específicas da comunidade (através de uma negociação constante de significados). Desse emaranhado e complexo sistema de atividades, ressalta-se a linguagem entendida como uma atividade em si mesma, o que

Ihe garante um status holístico e, portanto, mais abrangente do que vê-la com um olhar estritamente reducionista, i.é, como meros artefatos mediadores das atividades humanas. Seria, então, importante se ter um olhar que

Entende[a] o homem como um ser de linguagem (e, portanto, impensável sob a égide do divórcio homem/linguagem), cuja consciência, ativa e responsiva (...) se constrói e se desenvolve alimentando-se dos signos sociais, em meio às inúmeras relações sociointeracionais, e opera internamente com a própria lógica da interação sociosemiótica, donde emergem seus gestos singulares (FARACO, 1996:118).

Por isso, eis que então a linguagem se nos revela como *fundamentalmente plástica, isto é, adaptável à abertura, ao movimento, à heterogeneidade da vida humana*, porque conectada, enfim, ao agir humano (FARACO, 1996:122).

Explorar a linguagem sob a luz dessa conceituação passa a ser um desafio aos pensadores e estudiosos do conhecimento humano.

Agradecimentos:

1. Aos integrantes do Atelier da linha de pesquisa Tecnologia & Interação do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia (PPGTE) do CEFET-PR, por provocarem minhas primeiras inquietações e reflexões sobre este tema.
2. Ao prof. Dr. Carlos Alberto Faraco pelas reflexões geradas através do compartilhamento de dúvidas e subseqüente enriquecimento do meu pensamento sobre as questões aqui tratadas, que culminaram em orientações na elaboração deste ensaio.
3. À prof.^a Luciana Silveira pelas indicações de leitura sobre Peirce, Saussure, Kac e Lang.
4. Ao prof. Marcelo Stein de Souza Lima, pela leitura final e sugestão de adequações sobre tópicos desse ensaio.
5. Ao prof. Y.Shimizu. pela leitura e revisão final deste ensaio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M.M. (1995). (Volochinov). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- BANNON, L.; BODKER, S. (1999) *What is activity theory?* Disponível em: <http://www.cudenver.edu/~mryder/itc_data/act_dff/html>. Acesso em: 03 abr. 2000.
- BRAIT, B. (1996). A natureza dialógica da linguagem: formas e grau de representação dessa dimensão constitutiva. In: FARACO, C.A.; CASTRO, G. de; TEZZA, C. (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: UFPR, p. 69-92.
- BROWN, J.S.; DUGUID, P. (2000). *The social life of information*. Boston: Harvard Business School Press.
- BRUCE, B.C. *Technology as social practice*. Disponível em <<http://alexia.lis.uiuc.edu/~chip/pubs/TechasSP.shtml>> Acesso em: 05 dez 2000.
- HOLANDA, A.B. de. (1986). *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- ENGESTRÖM, I. (1999). *Innovative learning in work teams: Analyzing cycles of knowledge creation in practice*.
- _____. (1999). Activity theory and individual and social transformation. In: *Perspectives on activity theory*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____. (1999a). *Learning by expanding: Ten years after*.
- FARACO, C.A. (2000). *Gêneros do Discurso*. Relatório / Projeto AgP (ProTem-CNPq/CEFET-PR/PUC-PR).
- _____. (1996). O dialogismo como chave de uma antropologia filosófica. In: FARACO, C.A.; CASTRO, G. de; TEZZA, C. (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: UFPR. p.113-187.
- FARACO, C.A.; MERKLE, L.E. (2000). *Knitting a dialogical scaffold across interaction design frameworks*. (First Draft). Curitiba: CEFET-PR.
- FONTINHA, R. *Novo dicionário etimológico da língua portuguesa*. Revisto por Dr. Joaquim Ferreira. Porto: Domingos Barreira, s.d.
- FREITAS, Maria Teresa de Assunção. (1996). Bakhtin e a psicologia. In: FARACO, C.A.; CASTRO, G. de; TEZZA, C. (Orgs.). *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: UFPR. p.165-187.
- GEERTZ, C. (1978). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar.
- HOLQUIST, M. (1981). *The dialogic imagination*. Texas: The University of Texas Press.
- KAC, E. *Holopoetry, hypertext, hyperpoetry*. Disponível em: <<http://www.ekac.org>> Acesso em: 18 ago 2000.
- KUUTI, K. (1996). A framework for HCI research. In: NARDI, B. A. (Ed.). *Context and consciousness. Activity theory and human-computer interaction*. Cambridge: MIT Press. p.17-44.
- LANG, A. (1997). Non-Cartesian artifacts in dwelling activities: Steps towards a semiotic ecology. In: *Mind, culture, and activity: Seminal papers from the Laboratory of Comparative Human Cognition*. In: COLE, M; ENGESTRÖM, I.; VASQUEZ, O. (Ed.) Cambridge: Cambridge University Press.
- MACHADO, I. (1999). *Gêneros digitais e suas fronteiras na cultura tecnológica*. Palestra proferida na Semana de Tecnologia do CEFET-PR, Curitiba.
- MIETTINEM, R. *What is Activity Theory?* Disponível em: <http://www.cudenver.edu/~mryder/itc_data/act_dff.html> Acesso em: 03 abr. 2000.
- MOGENSEN, P. (1992). Towards a prototyping approach in systems development. *Scandinavian Journal of information systems*, v. 4.
- NARDI, B.A. *What is activity theory?* Disponível em: <http://www.cudenver.edu/~mryder/itc_data/act_dff/html> Acesso em: 03 abr. 2000.
- _____. (1996). Activity theory and human-computer interaction. In: NARDI, B.A. (Ed.). *Context and consciousness. Activity theory and human-computer interaction*. Cambridge: MIT Press. p. 7-16.
- _____. (1996a). Studying context: A comparison of activity theory, situated action models, and distributed cognition. In: NARDI, B.A. (Ed.). *Context and consciousness. Activity theory and human-computer interaction*. Cambridge: MIT Press. p. 69-102.
- NÖTH, W. (1998). *Panorama da Semiótica – de Platão a Peirce*. São Paulo: AnnaBlume.
- _____. (1999). *A semiótica no século XX*. São Paulo: AnnaBlume.
- VYGOTSKY, L.S. (1999). *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes.

- WARTOFSKY, M.W. (1979). Perception, representation, and the forms of action: Towards an historical epistemology. In: *Models: representation & the scientific understanding*. Dordrecht, Holland, Reidel.
- WENGER, E. (1998). *Communities of practice: Learning, meaning, and identity*. New York: Cambridge University Press.
- _____. *Communities of practice: Learning as a social system*. Disponível em <<http://www.co-il.com/coil/knowledge-garden/cop/lss.shtml>> Acesso em: 20 set 2000.
- ZINCHENKO, V.P. (1996). Developing activity theory: The zone of proximal development and beyond. In: NARDI, B.A. (Ed.). *Context and consciousness. Activity theory and human-computer interaction*. Cambridge: MIT Press. p. 283-324.